

CULPA

O EFEITO DA REVELAÇÃO GERAL

“O que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou.
Romanos 1.19

A Escritura admite, e a experiência confirma, que os seres humanos se inclinam naturalmente a alguma forma de religião, embora falhem em adorar seu Criador, cuja revelação geral de si mesmo o torna conhecido universalmente. O ateísmo teórico e o monoteísmo moral são opostos naturais: o ateísmo é sempre uma reação contra a crença preexistente em Deus ou deuses, e o monoteísmo moral somente surgiu no despertar da revelação especial.

A Escritura explica esse estado de coisas dizendo que o pecado do egoísmo e da aversão às prescrições de nosso Criador conduz a humanidade à idolatria, o que significa transferir a adoração e reverência a outro poder ou objeto que não o Deus Criador (Is 44.9-20; Rm 1.21-23; Cl 3.5). Dessa maneira, os humanos apóstatas suprimiram a verdade e *mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis* (Rm 1.23). Eles sufocam e extinguem, tanto quanto podem, a consciência que a revelação geral lhes dá do Criador-Juiz transcendente, e com seu inextirpável senso de deidade se apegam a objetos indignos. Isso os leva a um drástico declínio moral, com a consequente miséria, como primeira manifestação da ira de Deus contra a apostasia humana (Rm 1.18,24-32).

No momento atual, no Ocidente, as pessoas idolatram e, na realidade, adoram objetos seculares, tais como a empresa, a família, o futebol e sensações agradáveis de várias espécies. Mas o declínio moral persiste como resultado, tal como ocorreu quando os pagãos adoravam ídolos literais nos tempos bíblicos. Os seres humanos não podem suprimir completamente sua percepção de Deus, bem como de seu julgamento presente e futuro, pois o próprio Deus não permitirá que o façam. Algum sentido do que é certo e errado, como também de ser submetido a um Juiz divino, sempre permanece. Em nosso mundo decaído, toda a mente que não está de algum modo anestesiada tem uma consciência que, em certos pontos, a dirige e, de tempos em tempos, a condena, dizendo-lhe que deve sofrer pelos erros cometidos (Rm 2.14ss.), e, quando a consciência fala nesses termos, é, na verdade, Deus quem está falando.

A humanidade arruinada é, em certo sentido, ignorante de Deus, uma vez que o que as pessoas gostam de crer, e de fato creem, sobre o objeto de seu culto, falseia e distorce a revelação de Deus, da qual não podem escapar. Em outro sentido, contudo, todos os seres humanos permanecem cômicos de Deus, de modo culpável, com desconfortáveis pressentimentos do julgamento vindouro, que esperam que não se cumpra. Somente o evangelho de Cristo pode falar de paz a esse aflitivo aspecto da condição humana.

Teologia Concisa, de J. I. Packer, Editora Cultura Cristã

Vamos descobrir outros detalhes sobre o que ganhamos com essa ideia maravilhosa de Deus em colocar esse bando de gente para conviver na igreja. Deus pensou nisso de forma detalhada. **Como?** Leia os textos e escreva no espaço reservado a continuação dessa frase: *A igreja é o lugar onde podemos...*

• 1João 4.12: _____

• Hebreus 3.13: _____

• Hebreus 10.24: _____

• Gálatas 5.13: _____

• Romanos 15.14: _____

• Romanos 12.10: _____

• Efésios 4.32: _____

Figura 1

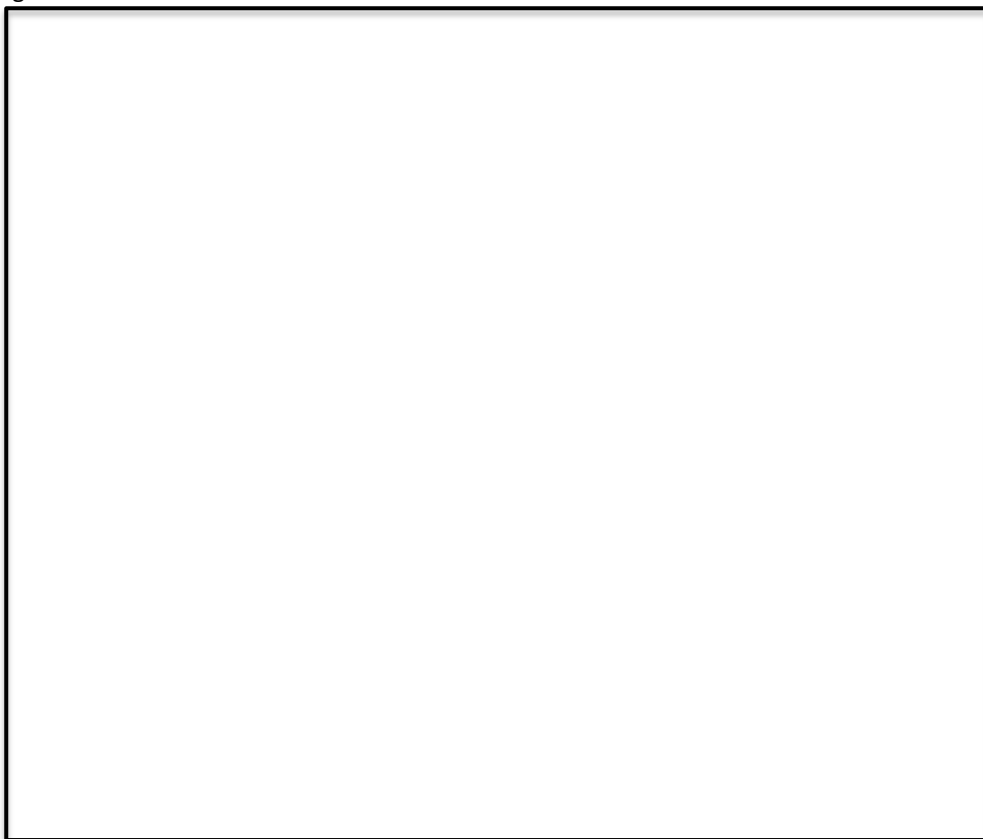


Figura 3

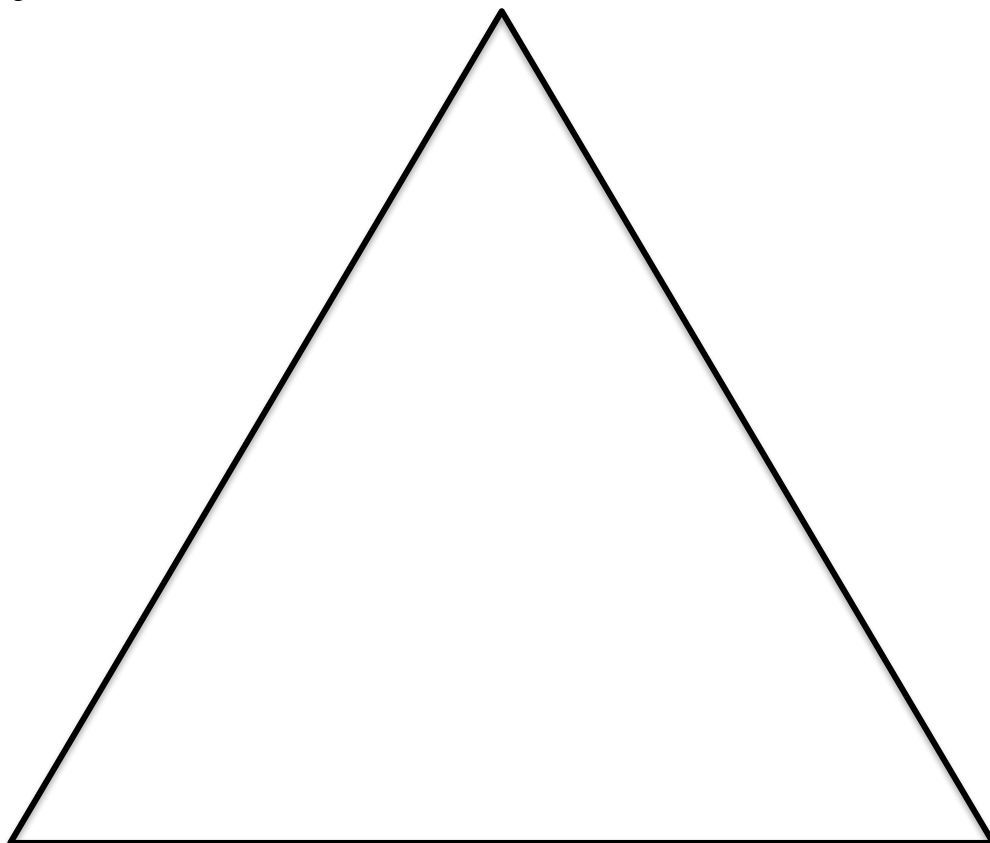


Figura 3

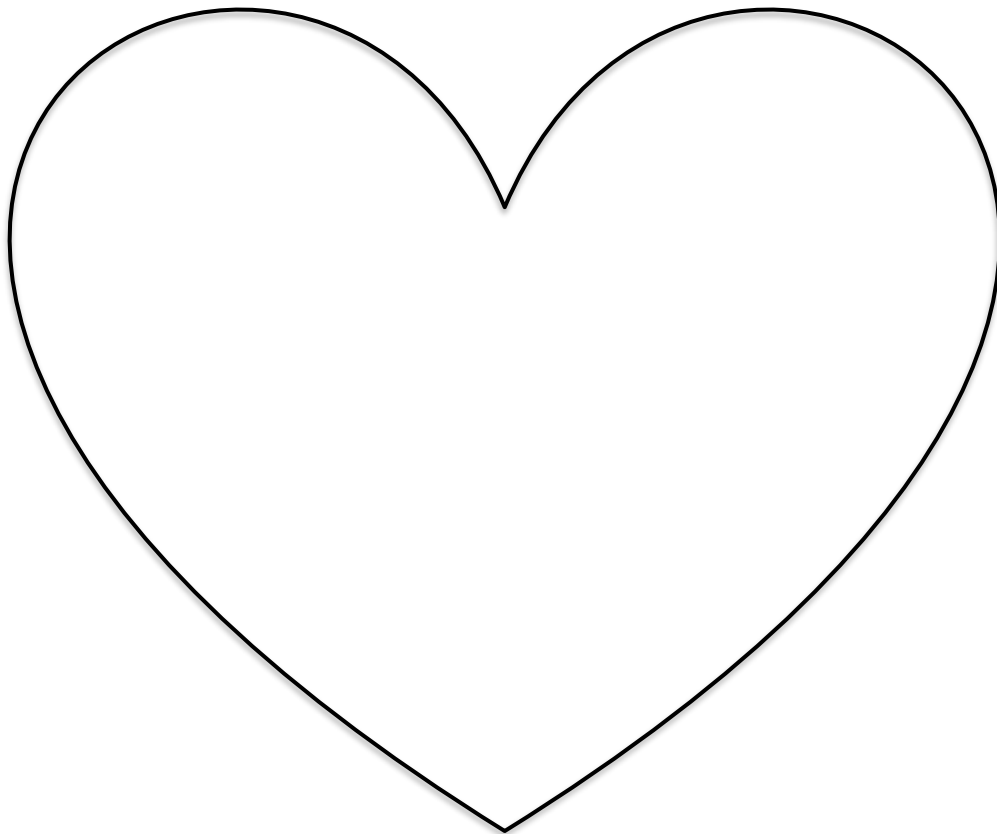
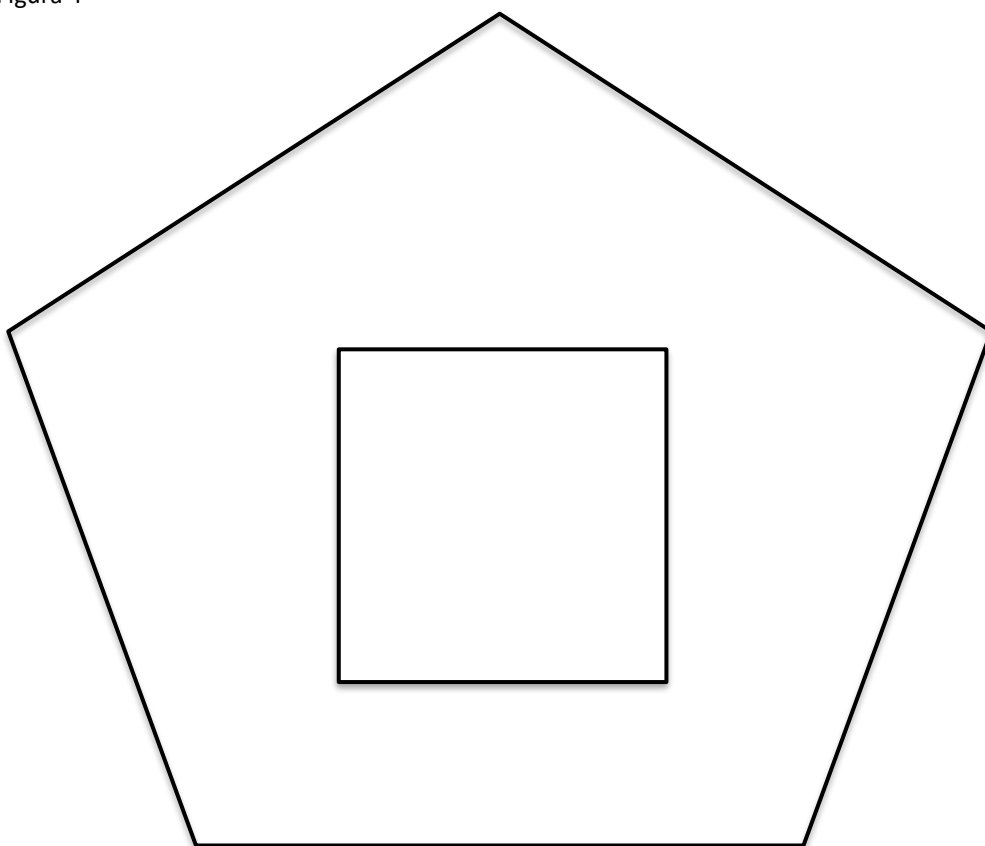


Figura 4



ACERCA DOS AMIGOS E DA AMIZADE

Provérbios 27.1-22

Você sabe cultivar amizades verdadeiras? Como distinguir um amigo verdadeiro de um hipócrita interesseiro? Qual é o valor que você dá aos seus amigos? Como você avalia suas amizades? Esta lição pretende ajudá-lo a encontrar respostas para todas essas perguntas e muitas outras. Estudaremos uma longa série de provérbios que falam sobre amigos e amizade, vejamos o que eles nos dizem.

I. A QUEM DAR OUVIDOS

Uma das preocupações do sábio não apenas no texto que estudaremos nesta lição, mas em todo o livro de Provérbios, é convencer as pessoas, especialmente os jovens (*o filho* que aparece em todo o livro) a adotarem a postura da sabedoria como diante da vida. Para isso, essas pessoas precisam dar ouvidos às pessoas certas.

A. Amigos (Pv 27.1-2)

O texto básico começa com a frase “não te glories do dia de amanhã”. *Amanhã* se refere ao futuro mais imediato. Se o futuro mais imediato e visível não está sob o controle humano e é incerto, quanto mais o futuro distante. Outros provérbios e passagens das Escrituras identificam Deus como o Pai que “dá à luz” os acontecimentos futuros. Ele tem a última palavra, e nenhum desígnio humano pode frustrá-la. Os sábios vivem um dia de cada vez, entregando os resultados nas mãos de Deus e agradecendo-lhe por tudo que ele concede.

O segundo provérbio elogia a aceitação do louvor de alguém de fora e proíbe o autolouvor. A expressão *louve* indica a atitude de um indivíduo que julga a virtude de outro favoravelmente e declara a sua admiração, exaltando a pessoa e seus atributos. Aí está um amigo. *Um estrangeiro* se refere a alguém de fora da família. Repare que, ao mesmo tempo em que censura o louvor próprio, esse versículo aprova o louvor de um amigo de maneira extremamente enfática. O Senhor abomina o arrogante e a sociedade tem aversão a ele. Em vez de exaltar a pessoa arrogante que o pratica, o autolouvor diminui sua aprovação social e sugere que ali está uma pessoa insegura.

Quando Paulo se defendeu, ele não praticou o autoelogio. Ele estava resguardando o próprio caráter e sustentando sua autoridade apostólica (2Co 10.12–11.33). O mesmo fizeram Samuel e Davi (1Sm 12.3; Sl 7.3-5). Esse tipo de autodefinição, forçada pela necessidade de defesa do caráter e da fé, é apropriado diante de Deus e não enganará a outros nem à própria pessoa. Jesus mesmo tratou de deixar bem claro quem ele era e como todos deveriam vê-lo (Jo 8.42-46). Por outro lado, os que se enganam com falsos autoelogios não podem ser amigos verdadeiros e não devem ser seus amigos. Um amigo verdadeiro é humilde e louva os outros.

B. Aos pais (Pv 27.11-12)

No versículo 11, o sábio se dirige ao filho, admoestando-o à sabedoria, pois a sabedoria do filho alegra o coração do pai. Essa alegria se refere tanto ao fato de o filho ter um piedoso relacionamento filial com Deus (Pv 1.7; 10.27) quanto ao fato de ele saber se portar com sabedoria em seus relacionamentos sociais, assumindo posturas e tomando decisões que promovem o bem, a justiça e a prosperidade.

A segunda parte desse mesmo versículo, “para que eu possa responder àqueles que me afrontam”, une o pai e o filho contra os inimigos da família. Essa admoestação reflete um forte senso de solidariedade familiar e orgulho mútuo entre as gerações, como é correto e esperado em uma família que participa da aliança da graça.

Provérbios 17.6 associa de forma amorosa três gerações de uma mesma família. Unido intelectual e emocionalmente a seu filho, o pai precisa estar em condição de refutar qualquer um que

denegrir a importância, o valor e a capacidade dele, mas isso só acontecerá se o filho for sábio. Na idade adulta, por sua vez, este filho sábio será o esteio de seu pai (Sl 127.4-5).

O pai dá ao filho um exemplo dos resultados práticos da sabedoria (v. 12). Isso nos permite concluir que ser sábio não significa ter a cabeça cheia de teorias, mas saber comportar-se de modo prudente nas várias situações da vida. Nesse exemplo, sabedoria significa “evitar o mal”. Quem vê o mal e segue em frente, sofre a pena, mas o sábio se esconde e se preserva.

Curiosamente, essa admoestação da Escritura é muito pouco acolhida entre os jovens de nossa época, que, via de regra, cultivam e promovem uma cultura de “bravatas” que exalta a capacidade de enfrentamento do perigo, em vez de valorizarem o afastamento do mal.

II. RELACIONAMENTOS PERNICIOSOS

Os provérbios que tratam da amizade referem-se a pessoas das quais não devemos ser amigos. A ideia é bem simples. Se, como já vimos, devemos nos afastar do mal, é natural que nos afastemos também daqueles que promovem o mal.

A. O insensato, o irado e o invejoso (Pv 27.3-4)

Os versículos 3 e 4 tratam de estados emocionais destrutivos, que caracterizam pessoas que fazem mal a si mesmas e a todos que as cercam. Essas atitudes são características dos intoleráveis e incapazes de manter uma amizade sólida. Repare que há uma gradação. A ira é insuportável (v. 3), mas a inveja é ainda pior (v. 4). Você deve evitar essas pessoas a fim de criar um ambiente em que a boa amizade possa florescer.

O verso 3 avalia o peso material, que exige um esforço físico tremendo, leva à exaustão e causa desconforto, contudo é mais leve e fácil de carregar do que o peso imaterial da ira. Fique longe dos insensatos, pois seu objetivo é seduzi-lo a juntar-se a eles (Pv 1.10-19; 26.8). Às emoções insuportáveis de *fúria* e *ira*, o verso 4 acrescenta a *inveja* como algo ainda mais intolerável e danoso. O texto apresenta a ira como uma força espiritual destruidora, irracional e violenta. Mas a ira – ao contrário da inveja – pode ser resistida. Balaão profetizou contra Moabe, apesar da ira de Balaque (Nm 23.10), mas Davi fugiu da inveja de Saul (1Sm 18.9).

O verso 13 fala de outro tipo de insensato. Repare que ele fala sobre a “mulher estranha” (v. 13). A mulher estranha, que aparece com mais frequência no início do livro (Pv 2.16; 5.10, 20; 6.24), é a voz que contradiz o sábio.

A voz e a instrução do sábio visam sobrepujar a voz e a sedução dessa mulher. O filho sábio deve se manter afastado dela e dos insensatos que se endividaram com ela. De acordo com esse provérbio, um fiador insensato se comprometeu a pagar a dívida de um desconhecido, também insensato, que se endividou com a mulher estranha. Tanto o fiador quanto o devedor estão nas mãos dela. É provável que, com suas tentações e lisonjas, ela tenha seduzido um homem a fazer uma dívida com ela (veja Pv 5 e 7). O provérbio instrui o discípulo a ficar longe dos três insensatos: o fiador, o devedor e a credora (a mulher estranha).

B. O hipócrita e o briguento (Pv 27.14-16)

O verso 14 fala de alguém que “bendiz ao seu vizinho, em alta voz, logo de manhã”. Se um vizinho está bendizendo ao outro, o que pode haver de errado nisso? *Em alta voz* aponta o fato de que essa saudação é mais sonora do que o normal. “Logo de manhã” significa *na hora de levantar*. A postura ostentosa, acentuada pela atitude de se levantar ansiosamente logo cedo e ir ao encontro de seu vizinho, ao romper do dia, para pronunciar sua bênção, procura dar a impressão de que ele tem uma veneração profunda por seu vizinho.

A segunda parte do versículo, contudo, apresenta a forma como sua bênção exagerada será considerada. A voz imoderada e a hora inoportuna revelam sua hipocrisia, de modo que nada de bom resultará dessa situação. “Por maldição lhe atribuem o que faz”: sua bênção hipócrita é considerada uma maldição. O vizinho não será enganado e vai considerar que o hipócrita o despreza e amaldiçoa.

E, o que é mais importante, Deus não será enganado. Em vez de mediar uma bênção falsa, ele amaldiçoará o hipócrita e o fará arcar com as consequências de sua hipocrisia.

O vizinho inocente, porém, não tem nada a temer, pois uma maldição imerecida não se cumpre (Pv 26.2). A verdadeira amizade é expressa em atos e em sinceridade, não em pronunciamentos que excedem os limites da normalidade (1Jo 3.18).

No verso 15, o provérbio iguala explicitamente a mulher rixenta (briguenta ou encrenqueira) ao “gotejar contínuo no dia de grande chuva”. Os dois são irritantes e insuportáveis. O homem se abriga debaixo do telhado de sua casa esperando encontrar proteção da tempestade. Em vez disso, descobre que seu telhado gotejante não oferece abrigo da chuva torrencial.

De modo similar, ele se casou na expectativa de encontrar o bem, mas a esposa da qual ele esperava proteção dos rigores do mundo o ataca severamente em casa. Tanto o telhado quanto a megera tornam a casa intolerável. No versículo 16, a megera é descrita como um *vento* que não pode ser contido, isto é, contra o qual não é possível se abrigar, e como *óleo*, que é impossível ser contido com os dedos.

A primeira comparação mostra que a tempestade não está apenas do lado de fora da casa, mas também dentro dela, colocando tudo de cabeça para baixo. A segunda reforça a impossibilidade de se domar a megera.

Mas que ninguém se engane: há maridos insuportáveis, também.

III. ENSINOS GERAIS SOBRE A AMIZADE (Pv 27.5-10,17-21)

O texto básico em questão afirma que devemos nos afastar do insensato, do briguento, do hipócrita e do irado. Porém, o mau procedimento de um amigo deve ser resolvido. A verdadeira amizade não abre mão de corrigir o ente querido.

O versículo 5 afirma: “Melhor é a repreensão franca do que o amor encoberto”. Isso significa que a crítica correta é feita de forma aberta e direta, e até mesmo severa (v. 6a), se for preciso, mas permanece sensível e inteiramente preocupada com o bem daquele a quem é dirigida.

A repreensão aberta e feita em amor é poderosa; o amor oculto é impotente. Os pais repreendem os filhos porque os amam (Pv 13.24), assim como Deus, em seu amor, repreende os seus filhos (Pv 3.11-12). O amor e a correção andam juntos. A ordem “repreenderás o teu próximo” (Lv 19.17) é seguida pelo mandamento “amarás o teu próximo como a ti mesmo” (19.18).

O versículo 6 fala sobre *feridas leais* e *beijos enganosos*. As feridas simbolizam palavras dolorosas e claras que devem ser ditas em uma verdadeira amizade a fim de curar o amigo e/ou restaurar um relacionamento rompido. Se o indivíduo sabe que aquele que está proferindo as palavras dolorosas o ama de verdade, ele estará seguro de que essas palavras visam o seu bem. Da mesma maneira, os *beijos*, que normalmente são associados a alguém que nos ama, quando dados por um inimigo são hipócritas e indicam seu pouco-caso e infidelidade para com o que foi beijado.

O ensino do versículo 7 é muito precioso. Basicamente, ele diz que obter a satisfação por meio de coisas erradas gera o desprezo pelas coisas boas (v. 7a), e a falta de satisfação por meio das coisas boas gera o prazer em coisas ruins (v. 7b).

As duas partes do versículo contrastam o apetite satisfeito com o apetite faminto, mas, ao mesmo tempo, apresentam os dois apetites como sendo doentios, pois juntam um apetite que despreza o alimento bom a um que anseia por alimento ruim. O consumo exagerado de mel pode fazer a pessoa vomitar (Pv 25.16), mas não a ponto de desprezar completamente e pisar o favo. Por outro lado, “à alma faminta todo amargo é doce” (Pv 27.7). *Amargo*, nesse trecho, representa tudo o que, de outro modo, seria doloroso e desagradável para um apetite saudável. Para esse apetite sem capacidade de discriminação, tudo o que deveria produzir uma reação de dor é *doce* como mel (Pv 5.3-4; Is 5.20). Estão doentes tanto a pessoa saciada pelas coisas erradas, a ponto de desprezar as coisas boas, quanto a pessoa faminta, que considera doce *toda* coisa amarga e prejudicial. Estar saciado é a proteção diante de uma tentação atraente, como uma prostituta (Pv 5.3-4b) –, mas acrescenta-se que encontrar satisfação com uma prostituta pode levar o marido a desprezar sua esposa agradável (v. 7a).

O versículo 9 compara o caráter externo esteticamente agradável do *azeite* (veja Pv 5.3; Sl 133.2) no rosto e do *perfume* (Ct 1.3; 3.6; 4.10; Dn 2.46) com a doçura de um amigo que dá um conselho zeloso, não indiferente. O *azeite* se refere a esse produto em termos utilitários e estéticos. O azeite revigorante torna o coração alegre. Tanto as fragrâncias externas quanto o conselho saudável produzem sensações de bem-estar.

O verso 10 passa do *conselho* do amigo para seu *apoio*. O provérbio visualiza uma situação na qual o filho sofre dano calamitoso, perda e destruição repentinas (*o dia da adversidade*), e ordena que ele peça ajuda a um amigo fiel da família (v. 10a), não de um parente de sangue distante (v. 10b). Esse amigo é indispensável na aflição. Em tempos de crise, o filho deve se voltar para um amigo que se mostrou fiel à família, que mora por perto e está disposto a suprir suas necessidades, não a um parente que mora longe e/ou não é emocionalmente acessível (Pv 17.17; 18.24).

O versículo 17 continua tratando de amizades verdadeiras. Esse versículo iguala o ato de afiar uma espada ou ferramenta de ferro com um ferro de amolar ao ato de afiar o juízo de um homem por intermédio de um amigo autêntico. O amigo verdadeiro não deixa de fazer críticas construtivas. O amigo persistente, cujas feridas são leais (v. 6), é o oposto do vizinho bajulador (v. 14) e da esposa impertinente (v. 15-16), e realiza uma tarefa indispensável. Esse amigo leal é comparado com *o que trata da figueira* e *o que cuida do seu senhor* (v. 18). Nos dois casos, a recompensa será certa. O primeiro comerá os frutos da figueira e o segundo será honrado por seu senhor.

Aquilo que *uma pessoa* louva e os elogios que ela recebe são comparados com um *crisol* ou cadinho usado para testar a pureza da prata, e com um *forno de fundição* para testar a autenticidade do ouro. Esse versículo tem duas importantes lições. A primeira é que a reputação é a prova do valor de uma pessoa (Pv 3.4; 12.8; Lc 2.52; At 2.47; Rm 14.18; 1Tm 3.2,7). Porém, ele também mostra que o valor de uma pessoa é testado por quem ou pelo que ela louva. Os músicos louvam seus compositores; os literatos louvam seus autores; e o piedoso louva ao Senhor. Semelhantemente, os imorais louvam o adúltero e a adúltera, os cobiçosos louvam os ricos (Sl 49.18) e assim por diante.

CONCLUSÃO

Todos os provérbios estudados nesta lição exaltam o valor do verdadeiro amigo. De forma geral, pode-se dizer que o amigo é leal à sua herança bíblica, ele evita os insensatos que ganham dinheiro fácil e/ou desfrutam de sexo banal. Além disso, ele se preserva do hipócrita bajulador e do criador de casos. Contudo, não se esquia de criticar seus amigos com firmeza e cordialidade, sempre que necessário. Por fim, avalia sua verdadeira identidade de acordo com aquilo que faz, aquilo que louva e de acordo com quem os louva e pelo que são louvados.

APLICAÇÃO

Você tem amigos verdadeiros? O que você tem feito para cultivar amizades sinceras e valiosas? Você tem sido bem-sucedido em manter amizades de longa data? Que tal dedicar uma parte de sua semana para cultivar suas amizades? Você é um bom amigo?

Revista *Expressão* – Sabedoria para vida, Editora Cultura Cristã